

**PLANEJAMENTO EDUCACIONAL ESCOLAR:** desafios e possibilidades para as práticas pedagógicas\*

**SCHOOL EDUCATIONAL PLANNING:** challenges and possibilities for pedagogical practices

Kerle Maria Pinheiro Nascimento\*\*  
Raíssa Natalli Gomes Pereira Barros\*\*  
Jocelina Correia Monteiro\*\*\*

## **INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO**

---

### **RESUMO**

A escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento da criança e do adolescente, para que se tenha um planejamento escolar firme e consistente, elaborado a partir da realidade e da necessidade do aluno e de cada turma, e com a participação de toda a equipe escolar. Com o presente trabalho, pretende-se demonstrar a importância que tem o planejamento em todos os setores da vida social, para a construção do conhecimento. Além disso, destacar que a gestão é responsável por conduzir sua equipe nesse processo democrático nos desafios e nas possibilidades para as práticas pedagógicas, envolvendo toda a comunidade escolar no planejamento das ações da escola para que o objetivo seja alcançado, a fim de transformar as ações de sala de aula do professor em conhecimento de qualidade e proveitoso para aluno e docente.

**Palavras-chave:** Planejamento. Professor. Práticas pedagógicas. Planejamento escolar.

### **ABSTRACT**

The school plays a fundamental role in the development of children and adolescents, so that there is a consistent firm and school planning, based on the reality and needs of the student and each class, and with the participation of the entire school team. With the present work, we intend to demonstrate the importance of planning in all sectors of social life, for the construction of knowledge. In addition, highlight that management is responsible for leading its team in this democratic process in the challenges and possibilities for pedagogical practices, involving the entire school community in the planning of school actions for the objective to be achieved, in order to transform the teacher's classroom actions. in quality knowledge and beneficial for students and teachers.

**Keywords:** Planning .Teacher. Pedagogical practices. School planning.

## **1 INTRODUÇÃO**

O planejamento tem a função de desafiar e possibilitar o equilíbrio entre os recursos e objetivos, considerando as condições do presente, os aspectos contextuais culturais, econômicos e políticos para o qual planejamos.

---

\*Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano, para obtenção do grau de Licenciatura.

\*\*Graduandas do 8º período do Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano.

\*\*\*Orientadora: Especialista em Docência do Ensino Superior, Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, Licenciada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Geografia e Pedagogia, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O planejamento é uma ferramenta que norteia a práxis pedagógica docente, oportunizando ao professor uma organização de métodos e currículos que serão desenvolvidos em seu cotidiano profissional favorecendo os meios para práticas pedagógicas de suas aulas para que se desenvolva uma aprendizagem significativa e plena.

Este estudo tem como objetivo geral; analisar a importância do planejamento escolar, fazendo uma abordagem sobre os tipos de planejamento, as principais ações e as melhorias obtidas através da prática do planejamento escolar, as necessidades da escola; os objetivos específicos: Identificar as contribuições que a prática do planejamento traz para o desenvolvimento em sala de aula, reconhecer a postura do professor em sala de aula com relação a utilização do planejamento, avaliar se o planejamento é aplicado no ambiente escolar e de que forma tem sido trabalhado.

O estudo é de cunho bibliográfico, para um melhor aprofundamento sobre o tema, portanto buscamos nos aprofundar em livros, monografias, revistas, artigos e outros materiais, pois a pesquisa bibliográfica visa nos dar uma visão mais científica sobre o planejamento.

O interesse por esse estudo surgiu mediante o enorme grau de dificuldades dos problemas nos dias atuais, maior é a necessidade de planejar. Se em qualquer atividade da nossa vida exige um planejamento, a educação não foge dessa exigência.

## **2 PLANEJAMENTO**

O planejamento é uma atividade importante para praticamente todas as manifestações da organização social humana. Ele tem como função organizar, analisar e refletir acerca de possíveis acontecimentos, o que possibilita prever situações e minimizar problemas do cotidiano. Dessa maneira, o planejamento educacional é um dos elementos didáticos fundamentais no processo de ensino aprendizagem, pois norteia as etapas da prática pedagógica. Para Haydt (2006) uma simples observação do cotidiano escolar possibilita perceber a existência de conflitos e tensões que são inerentes às relações humanas. Planejar é, nesse sentido, analisar uma dada realidade, refletindo sobre as condições existentes, prever as formas alternativas de ação para superar as dificuldades que permeiam os conflitos e tensões e alcançar os objetivos traçados. Sendo assim, é possível a antecipação de ações preventivas para que os profissionais da educação alcancem os objetivos desejados.

A formação inicial tem como objetivo fornecer bases para a construção de uma prática pedagógica e, de certa forma, capacitar para que o docente atue no contexto escolar. No entanto, a formação inicial não tem como dar conta de antecipar todos os dilemas e situações do cotidiano.

Ao planejar o ensino, o professor antecipa de forma organizada as etapas do trabalho escolar. Gandin (2001) por sua vez, indica a necessidade de uma cultura de planejamento escolar capaz de perceber e avaliar o cenário atual, considerando o diagnóstico da comunidade escolar para propor e fortalecer os processos das mudanças necessárias.

O conceito de planejamento ainda causa muitas dúvidas em diversos professores, pois não buscam se informar e nem fazer pesquisa na área, transformando sua aula em meros improvisos. O ato de planejar faz com que evitemos eventuais erros em relação a determinados assuntos. Ao planejar, temos acesso a um vasto campo de possibilidades, uma vez que precisamos pesquisar para elaborar as

aulas, como também, nos possibilita refletir sobre vários aspectos ocorrentes no nosso dia a dia. Este recurso nos permite traçar objetivos e metas para que possamos nos programar e organizar nossas atividades. Para se planejar de forma precisa, é necessário sempre um processo de reflexão, para tornar a decisão sobre a ação, visando à concretização dos objetivos, em prazos determinados e definidos. O planejamento não é algo que pode ser totalmente definido e não podemos ter um resultado preciso em relação a ele. Porém podemos planejar a ação e seu processo dando espaço para que possamos sempre re-planejar de maneira que abrange as necessidades que apareça no decorrer do percurso.

O plano de aula é o registro do que se almeja alcançar, a descrição do passo a passo sobre como prosseguir a aula. É muito particular e deve ser vinculado à proposta dos planos anteriores. Sua utilização dá mais segurança ao professor, e quando bem elaborado, significa que houve uma preocupação em pensar na aula. A intenção desse roteiro é de buscar excelência quando estamos no momento da prática. Takahashi e Fernandes (2004, p. 116) afirmam que “os professores, ao utilizarem o plano de aula, poderão ter maior confiança e dominar a situação a ser desenvolvida, pois o seu saber estará embasado na teoria e na prática”. Por sua vez, Gomes (2011, p. 4) ressalta que:

O planejamento de sala de aula desemboca na prática do professor e do aluno; por isso exige muito compromisso associado a algumas limitações e possibilidades. O que acontece em muitas instituições de ensino é a banalização do ato de planejar, para muitos professores se tornou um “ritual” que deve ser cumprido semanalmente.

Nessa direção, o preparar as aulas é uma das tarefas que merece cautela. A função do plano é guiar, algo redigido a ser usado como ferramenta. O professor tem que pensar seus dias letivos, incumbir propostas regadas de compromisso e significados, antes de ser uma resposta ao grupo que supervisiona.

A finalidade para se planejar está ligada ao ato de refletir acerca das melhores formas de realizar determinadas tarefas, objetivando alcançar determinadas metas pré-estabelecidas. Em outras palavras, tratar o planejamento como uma organização prévia ou de forma que orienta o “caminho a ser trilhado”, apontando à concretização de maneira organizada de tudo que se deseja alcançar.

## **2.1 Tipos de planejamento**

A educação ao longo dos tempos foi se constituindo como uma ação que não significa apenas a transmissão de informações, é vista como responsável pela formação do sujeito como um todo, uma fonte de transformação que inova e que influencia o desenvolvimento do indivíduo e do país. A escola tem a responsabilidade de oferecer aos alunos uma formação que os contemple em seus diferentes aspectos. Para atender às expectativas, precisa-se de uma proposta muito bem articulada, que se materializará através do planejamento. Esse recurso, ao chegar às instituições, irá se caracterizar como algo organizacional, uma importante tarefa na administração da unidade educativa e um norteador para prosseguir com a parte administrativa e com a pedagógica. Configura-se como encadeamento de ações pensadas de maneira prévia a serem desenvolvidas em um momento futuro, uma antecipação consciente

de etapas do trabalho previsto para acontecer. Portanto, é um recurso relevante para o bom funcionamento da educação. Vasconcellos (2002, p. 42) afirma que:

o planejamento é uma mediação teórico-metodológica para a ação consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isso é necessário 'amarrar', 'condicionar', estabelecer as condições – objetivas e subjetivas - prevendo o desenvolvimento da ação no tempo (o que vem primeiro, o que vem em seguida), no espaço (onde vai ser feita), as condições materiais (equipamentos que serão necessários), bem como a disposição interior, para que aconteça; caso contrário, vai-se improvisando, agindo sob pressão, administrando por crise.

Na concepção do autor, o planejamento é um instrumento que guia conscientemente a ação educativa, para que ela tenha suas intencionalidades e se evite uma rotina viciada e a improvisação. Planejar é ter um olhar minucioso, ao prever, passo a passo, um trabalho a ser realizado, para que se possa pensar nos recursos a serem utilizados, no tempo que será necessário e na sistematização das ações. Estabelecer os objetivos é relevante, porque eles agem como uma espécie de impulso, e isso implica a busca de resultados satisfatórios, que dão sentido à prática e melhoram sua qualidade.

Quando não se planeja, corre-se o risco de se perder no espontaneísmo, seja no campo de ensino ou em outros espaços de atuação social e profissional. Sem o planejamento nossas ações acontecem de maneira avulsa e sem intencionalidade, por isso com menos possibilidades de darem certo.

Planejar a educação no âmbito de sistemas e redes de ensino implica a tomada de decisões, bem como a implementação de ações que compõem a esfera da política educacional propriamente dita. De acordo com Horta (1991, p. 195),

o planejamento educacional constitui uma forma específica de intervenção do Estado em educação, que se relaciona, de diferentes maneiras, historicamente condicionadas, com as outras formas de intervenção do Estado em educação (legislação e educação pública), visando a implantação de uma determinada política educacional do Estado, estabelecida com a finalidade de levar o sistema educacional a cumprir funções que lhe são atribuídas enquanto instrumento deste mesmo Estado.

Historicamente, em nosso país, o planejamento educacional compôs uma forma de exercício do controle, por parte do Estado, sobre a educação, cujo ápice se observa durante o regime militar. Os anos que marcaram esse período produziram sucessivos Planos, dos quais resultou uma intensa burocratização do sistema escolar. Como forma de viabilizar o controle, o Estado desencadeia um processo de burocratização das instituições. Procedendo à análise histórica do desenvolvimento capitalista no Brasil, Félix (1986) nota que, ao se configurar um Estado de caráter plenamente intervencionista, intensifica-se o processo de burocratização do sistema escolar. O autor salienta que, na década de 1970, este processo se verificou de forma mais acentuada em decorrência das relações que se estabeleceram entre a burocracia existente e o Estado autoritário. Félix (1986, p. 46) fundamenta sua constatação da seguinte maneira:

[...] as relações que se estabelecem, na década de 70, resultam de um processo histórico da formação de Estado capitalista brasileiro que data do período colonial [...], esse corte histórico só se justifica pelo fato de ser, nessa década, que se dá a consolidação da forma de Estado intervencionista, cuja

emergência pode ser atribuída a uma causa mais imediata que é o golpe de 64.

De acordo com o autor, o aperfeiçoamento da burocracia corresponde às exigências do desenvolvimento econômico do país, o que implica, por sua vez, a modernização da administração pública, atingindo, além do setor econômico, também outros setores, como é o caso da educação.

A perspectiva de planejamento educacional como atributo do exercício do poder constitui uma abordagem funcionalista na qual: o plano torna-se funcional, não em relação ao todo social, mas em relação a uma vontade política que pode estar alienada do projeto da própria sociedade, e que se utiliza do plano como instrumento para fazer valer seu próprio projeto (HORTA, 1991).

O princípio norteador desse planejamento, a participação, pode ser compreendido em quatro dimensões:

1. Processo: enquanto tal, ela se constrói e se desenvolve através de um sem número de pequenas ações, no cotidiano educacional, não podendo ser adquirida de repente, por um ato jurídico, ou decreto;
2. Objetivo: precisamente para poder ser caracterizado como participativo, um processo deve ter como propósito, como fim, a participação plena, irrestrita, de todos os agentes desse processo;
3. Meio: constrói-se a participação, precisamente, participando. Ela é, portanto, seu próprio método;
4. Práxis: se a participação é entendida como processo, que os seres humanos constroem, conscientemente, com fito de alcançar, como fim, a participação plena (leia-se democracia real), então podemos entendê-la como uma prática, cujo caráter é político (PINTO, 1994).

## 2.2 O planejamento no âmbito da unidade escolar

O Planejamento de um Sistema Educacional consiste na tomada de decisões sobre a educação no conjunto do desenvolvimento geral do país. A elaboração desse tipo de planejamento requer a proposição de objetivos em longo prazo que definam uma política da educação. É realizado pelo Governo Federal, através do Plano Nacional de Educação (PNE) e da legislação vigente. Através daí é que conseguimos estabelecer formas de atuação e calcular os custos necessários à realização dos objetivos a fim de aperfeiçoá-lo ao sistema educacional. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. Segundo Saviani (1997) a palavra reflexão vem do verbo latino "*refectire*" que significa "voltar atrás". O afirma que:

É, pois um (re)pensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. [...] Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E isto é filosofar (SAVIANI, 1997, p. 23).

O planejamento da escola se concretiza pela elaboração de seu Projeto Político-Pedagógico (PPP). Na perspectiva aqui desenvolvida, deve pautarse pelo princípio da busca da unidade entre teoria e prática e se institui como momento privilegiado de tomada de decisões acerca das finalidades da educação básica. O

planejamento no âmbito da unidade escolar caracteriza-se como meio, por excelência, do exercício do trabalho pedagógico de forma coletiva, ou seja, como possibilidade ímpar de superação da forma fragmentada e burocrática de realização desse trabalho.

Na definição do Projeto Político-Pedagógico, materializam-se os diferentes momentos do planejamento: a definição de um marco referencial, a elaboração de um diagnóstico e a proposição de uma programação com vistas à implementação das ações necessárias à realização de uma prática pedagógica crítica e reflexiva. A concepção de planejamento escolar sustentada na idéia de que o PPP emerge, em nosso país, a partir da crítica ao modelo de planejamento tecnoburocrático, que se consolidou ao longo do regime militar. Este modelo buscava produzir uma maior aderência entre as proposições da esfera governamental e as ações das escolas propriamente ditas.

Com esta finalidade, o planejamento, no interior das escolas, adquiria os contornos de instrumento a serviço da viabilização do controle. Em virtude desta natureza burocrática, o planejamento passou a ser tido como mero instrumental técnico, amplamente criticado durante o processo de redemocratização do país. Neste momento, para se contrapor a essa concepção tecnicista, sem negar, porém, a necessidade do planejamento, é que se passa a disseminar a necessidade de elaboração do Projeto Político-Pedagógico, como forma de democratizar o planejamento na escola, incorporando o princípio da participação.

No estudo real da escola em relação ao contexto: o que demanda a caracterização do universo sócio-cultural da clientela escolar e evidencia os interesses e necessidades dos educandos; na organização do trabalho didático propriamente dito, implica que:

- a) Definir objetivos - em função dos três níveis de aprendizagem: aquisição, reelaboração e produção de conhecimentos;
- b) Prever conteúdos - tendo como critérios de seleção a finalidade de que eles atuem como instrumento de compreensão crítica da realidade e como elo propiciador da autonomia;
- c) Selecionar procedimentos metodológicos - considerando os diferentes níveis de aprendizagem e a natureza da área do conhecimento e;
- d) Estabelecer critérios e procedimentos de avaliação - considerando a finalidade de intervenção e retomada no processo de ensino e aprendizagem, sempre que necessário.

Nesta forma de planejamento de ensino, a avaliação da aprendizagem adquire especial relevância, uma vez que não pode constituir-se unicamente em forma de verificação do que o aluno aprendeu. Antes de mais nada, deve servir como parâmetro de avaliação do trabalho do próprio professor. Estabelecer critérios mais, ou menos, rigorosos de avaliação não é tarefa difícil. Difícil é saber trabalhar com os resultados obtidos, de modo a construir instrumentos de análise que permitam intervir no processo de ensino e aprendizagem no momento mesmo em que ele está ocorrendo. A avaliação da aprendizagem, nessa acepção, não pode ocorrer somente após ter-se concluído um período letivo (bimestre, semestre etc), mas é processo, sem o qual compromete-se, irremediavelmente, a qualidade do ensino.

### 3 PLANEJAMENTO ESCOLAR

Algumas das vertentes que se relacionam a diferentes conceitos de planejamentos educacionais, nos leva a pensar em quais elementos são fundamentais para que um projeto de educação esteja efetivamente comprometido com fundamentos democráticos? Algumas das ações que podem favorecer esse planejamento são: presença da utilização de métodos pautados em uma construção política, realizada por meio de diálogos, com foco no diagnóstico de quais objetivos são prioritários para serem alcançados e quais problemas necessitam ser sanados; levantamento de recursos necessários; construção de um currículo que promova uma aprendizagem significativa. De acordo com Pinto (1994, p. 35), as seguintes dimensões norteiam os princípios de um planejamento educacional:

- a) Processo: enquanto tal, ele se constrói e se desenvolve através de um sem número de pequenas ações, no cotidiano educacional, não podendo ser adquirido de repente, por um ato jurídico, ou decreto;
- b) Objetivo: precisamente para poder ser caracterizado como participativo, um processo deve ter como propósito, como fim, a participação plena, irrestrita, de todos os agentes desse processo;
- c) Meio: constrói-se a participação, precisamente, participando. Ela é, portanto, seu próprio método;
- d) Práxis: se a participação é entendida como processo, que os seres humanos constroem, conscientemente, com fito de alcançar, como fim, a participação plena (leia-se democracia real), então podemos entendê-la como uma prática, cujo caráter é político.

Assim, podemos observar quantos aspectos envolvem um planejamento consolidado com pressupostos que favorecem a construção de uma base sólida que, efetivamente, se comprometa com os objetivos que se almeja alcançar. Por mais desafiador que seja, os resultados são apresentados em longo prazo, e novas metas são traçadas para que seja ofertada uma educação de qualidade, com compromisso com a aprendizagem e a formação democrática para o pleno exercício da cidadania.

A prática docente é repleta de ações que visam ao avanço do desenvolvimento global dos educandos por meio de diferentes elementos que giram em torno do ensino e da aprendizagem. Portanto, para as atividades de sala dos professores seja de fato ações que contribuam com o desenvolvimento dos alunos, que o planejamento sirva de instrumento de reflexão sobre os desafios que a escola enfrenta no contexto em que a comunidade escolar está inserida e as necessidades dos grupos de alunos, para que seja possível encontrar meios de se enfrentar problemas e buscar caminhos transformadores (VASCONCELLOS, 2002).

Se, em diferentes ambientes de trabalho, a ação de planejar é recorrente, na prática docente não é diferente, pois traçar metas e propor objetivos é inerente ao ser humano, devendo, assim, ser uma prioridade no fazer pedagógico. Para Batista e Soares (2005, p. 138):

Quando a escola e os professores abrem mão do planejamento, eles abrem mão de sua autonomia, de seu saber, do controle de seu trabalho. Abrem mão até da possibilidade de desenvolvimento de sua formação, pois é planejando, executando e avaliando as ações pedagógicas que a escola e os docentes geram um contexto de ampliação de seu saber, pela criação da necessidade de estudo, de elaboração de novas estratégias e de análise dos problemas encontrados.

Partindo dessas reflexões, é de suma importância que os professores entendam que o processo educativo é uma via de mão dupla, na medida em que, ao mesmo tempo que essa prática demanda um esforço de compreender os processos vivenciados e a apropriação de saberes, também aperfeiçoa a sua própria identidade docente.

Segundo Nóvoa (1992), a demarcação dessa identidade é um espaço de lutas e conflitos envolvendo processos complexos na imbricação da história pessoal e profissional do docente. Desse modo, leva-se tempo para apreender todas as exigências que o fazer pedagógico demanda, além de refletir sobre sua própria prática.

Portanto os atos de planejar, constroem planos e projetos que atuam como um auxílio de revisão da práxis, em que as ações diárias ganham um significado maior, ampliando-se as possibilidades de alcançar os resultados esperados, na medida em que os caminhos percorridos trazem elementos para a condução e a recondução do processo.

### **3.1 Desafios e possibilidades na prática**

Uma das qualidades mais importantes no mundo de hoje – é o cenário instável e desafiador, que muda constantemente e exige que mudemos também – é a resiliência, a capacidade de improvisar; para equipes escolares, esse pode parecer um assunto assustador, mas pensar em planejamento é essencial e envolve a compreensão de que não estamos em controle de tudo a todo momento. Não é de hoje que o trabalho dos pedagogos das escolas está simbolicamente associado ao termo “apagar incêndios”. Todos os dias, por diversos fatores, as equipes pedagógicas das escolas têm seu trabalho fragmentado e aleatório. Entendemos que a falta de organização e de planejamento está diretamente ligada ao sucesso e à valorização deste profissional que tanto lutou para ter seu espaço no ambiente escolar. Desse modo, nos apoiaremos na perspectiva do planejamento participativo e democrático, como explica Dalmás (2010, p. 30), “o planejamento é a resposta a três perguntas: o que se quer alcançar? (UTOPIA); a que distância se está do que se quer alcançar? (DIAGNÓSTICO); o que será feito para diminuir a distância entre onde se está e se pretende chegar? (PROGRAMAÇÃO)”.

É importante ressaltar que, planejar, é de fato, definir o que queremos alcançar. E dessa forma, o potencial desse planejamento tem maiores chances de ter êxito e alcançar os objetivos finais. No entanto, ou não se planeja vai se fazendo as coisas de modo aleatório, sem saber aonde quer chegar, ou simplesmente vai reagindo aos fatos, facilmente se cai no vazio, chegando ao final do dia com a estranha sensação de não ter feito nada de significativo. Assim, “[...] a ação aleatória, sem fins definidos, desemboca no ativismo” (LUCKESI, p. 1996, 102). Isso se dá, também, quando não há articulação entre a gestão dos diversos setores que fazem parte do ambiente escolar. Sendo assim, o trabalho fica fragmentado e tende ao fracasso ou à perda de potenciais tanto do aluno como do professor.

Todas as modalidades de planejamento são importantes, porém “o planejamento participativo permite coordenar ideias, ações, perspectivas e compartilhar preocupações e utopias, em vez de priorizar a conformação de instâncias formais e estáticas” (DALMÁS, 2010, p. 47). Dessa forma, entendemos que a sistematização das ações planejadas participativamente nos conduzirão à bons caminhos no sentido de que nos levam a repensar nossas práticas pedagógicas e o



efetivo trabalho do pedagogo escolar como articulador do processo de ensino e aprendizagem, bem como, utiliza as ideias de Dalmás (2010, p. 27), quando menciona que “o diálogo-comunicação é elemento essencial no processo de intercâmbio de vivências, experiências, interações diálogos entre os participantes”.

O planejamento é um desafio que traz consigo a necessidade de tempo para corresponder às expectativas do que os alunos querem saber e aprender. Sendo assim, pode-se defini-lo como ferramenta de trabalho do professor, refletindo os saberes, as práticas pedagógicas e os componentes de cada escola, através das quais os professores obtêm resultados satisfatórios de seu fazer pedagógico. Ensinar tornou-se sinônimo de transmissão de conteúdos que pouco ou, muitas vezes, nada têm a ver com a realidade dos alunos. Sem criatividade e sem qualquer relação com o “mundo” dos educandos, a elaboração dos currículos escolares transforma-se apenas num exercício de prática pedagógica cujo resultado é o desinteresse do aluno pelas aulas, evoluindo para a falta de aprendizagem e até mesmo para a evasão escolar.

A escola precisa, urgentemente, acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade e com as quais o ser humano está em contato direto cotidianamente. Por outro lado, é necessário que a escola reconheça que o seu ambiente é o espaço das diversidades. Aliás, a diversidade sempre habitou o espaço escolar, mas só agora começou, timidamente, a ser discutida. Ainda precisamos caminhar muito para alcançar um nível tal de desenvolvimento para que aprendamos não simplesmente a conviver com as diferenças, mas respeitá-las e colocá-las no centro das nossas discussões e das nossas prioridades. É preciso repensar os currículos escolares, dando-lhes a devida importância no sentido de que devem ser organizados e preparados para serem executados por uma escola que (re)conheça as diferenças, respeite-as e inspire nos seus educandos o respeito ao outro. Assim, a escola não deve ser um tribunal onde são julgadas as diferenças, mas o espaço de mediação entre o eu e o outro, posto que não se deve falar em pluralidade sem levar em consideração as singularidades que marcam e determinam indivíduos e grupos de indivíduos.

Sendo assim, propor uma formação que amplie o compromisso de atender aos segmentos de ensino passa a ser essencial, visto que os educadores necessitam de momentos específicos para repensar sua prática e também para realizar atividades de integração, os quais também podem ser utilizados para o planejamento coletivo, o qual visa principalmente à organização, considerada essencial em um contexto educacional.

### **3.2 Flexibilidade do planejamento**

É comum quando ouvimos falar em planejamento, também ouvirmos falar sobre a flexibilidade, que necessita ser uma característica essencial do planejar, mas por outro lado, há uma questão que precisa ser levada em consideração pelo planejador: Estamos aqui correndo o risco de duas tentações extremas: de um lado, o planejamento se tornar o tirano da ação, ou de outro, se tornar um simples registro, um jogo de palavras desligado da prática efetiva do professor.

O planejamento deve seguir uma sequência, segundo Libâneo (1994), seria a objetividade, coerência e flexibilidade. Objetividade é a relação do plano com a realidade. O professor deve iniciar o seu trabalho a partir da dificuldade da turma. No

início do ano, o professor ao perceber que os alunos não entenderam a matéria do ano anterior, ele toma-la como ponto de partida para iniciar seu trabalho no ano vigente. Por Coerência, se entende que é a relação que deve existir entre as ideias e a prática. É também a ligação lógica entre os componentes do plano, ou seja, quando se está posto no plano um objetivo geral, os específicos devem ser organizados de modo que os contemple e que seja possível realiza-lo. Desta forma, deve ser pensado de forma compatível a realidade. Por Flexibilidade, entende-se que o plano é um guia, mas não detentor de todo o processo. O professor deve elabora-lo para que consiga seguir a ordem em que planejou e perceba onde está o erro, caso não saia de forma esperada. Portanto o Planejamento estará sempre sujeito a alterações tornando-o assim, flexível.

Não é possível pensar no planejamento como um roteiro pré-estabelecido inflexível. Sabe-se que em cada sala de aula existe uma realidade diferente, com problemas e soluções específicos, de modo que cabe ao educador, frente à realidade diária, adaptar seu planejamento de modo a conduzir adequadamente as ações que correspondem às práticas docentes a serem desenvolvidas.

Uma coisa é certa, em qualquer momento, alguma das ações previstas pelo planejamento não serão concretizadas, mas, saibamos que isto ficará por conta de fatores adversos, que são difíceis de serem previstos, ou seja, significa que se algo não for realizado como estava previsto no planejamento, uma explicação lógica para a sua não realização deverá partir do professor para justificar a tal mudança. O mais importante deve ser a postura de comprometimento que o professor deverá assumir, visando a prevenção de uma possível acomodação, já que o planejamento pode assumir uma postura flexível em alguns raros momentos.

A finalidade de se planejar está ligada ao ato de refletir acerca das melhores maneiras de realizar determinada tarefa, objetivando alcançar determinadas metas pré-estabelecidas. Em outras palavras, tratar o planejamento como uma organização prévia ou de forma que orienta o “caminho a ser trilhado”, apontando à concretização de maneira organizada daquilo que foi desejado. Segundo Menegolla e Sant’anna (2001), o processo de ensino e aprendizagem é decorrente de um planejamento sistematizado na reflexão de suas atividades para que possa de fato ser conceituado como contribuinte para o sucesso das ações escolares.

O planejamento não pode ser considerado algo inflexível, pois ele deve ser constante e seguindo o curso da realidade. Não podendo ele, exigir que a realidade se adeque ao que está posto. O professor deve ter em mente que o planejamento é um guia e não algo definitivo, pois ele deve permiti-lo a modificar sempre que algo não esteja como planejado. Embora seja provada a sua eficácia, muitos professores ignoram o fato de sua existência, preferem não fazê-lo, o que causa grandes transtornos em suas aulas, uma vez que não tem a previsão correta do que se deve fazer e nem qual a duração para aquele período. Ao elaborar um planejamento, é importante que se tenha em mente os objetivos e metas, para que o planejamento se tenha um sentido/finalidade. O planejamento é, portanto, de acordo com Libâneo (1994) um processo de racionalização, organização e coordenação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social.

Com isso, é essencial que ao preparar o aluno para uma aprendizagem satisfatória, é ter como referência o relacionamento entre aquilo que ela já sabe e o conteúdo a ser aprendido na escola, torna a aprendizagem significativa. Sendo assim, podemos dizer que cabe a cada escola decidir como será a prática do planejamento, partindo de diferentes direções com a intenção de atender às qualidades locais e às necessidades da comunidade escolar e de cada aluno.

Contudo, evidêcia-se que o planejamento não tem a função somente de determinar o sucesso das ações, mas também de indicar o eventual fracasso. Padilha (2001) relata que planejamento de ensino estabelece em espaço e tempo para ter um pensamento de análise da prática pedagógica e das ferramentas utilizadas no teórico metodológico, sendo que essas permitiram a todos avaliar suas práticas as ressignificando, se necessário for, criando assim diferentes meios para colocar em prática tudo aquilo que foi planejando. Com isso, é essencial que ao preparar o aluno para uma aprendizagem satisfatória, ter como referência o relacionamento entre aquilo que ela já sabe e o conteúdo a ser aprendido na escola, torna-se a aprendizagem significativa. Sendo assim, podemos dizer que cabe a cada escola decidir como será a prática do planejamento na escola.

#### **4 PLANEJAMENTO E O PROFESSOR**

No cotidiano dos educadores, todos têm por obrigação elaborar o plano de aula para a regência de uma aula, muitos sentem dificuldade em montar uma aula clara e objetiva para alunos. O não saber como transformar o conteúdo científico estudado durante o nosso curso de Pedagogia numa linguagem acessível a esses alunos. De acordo com Fiorentini, Souza Junior e Melo (1998, p. 307), as pesquisas sobre ensino e formação de professores priorizam o estudo de aspectos políticos e pedagógicos amplos, sendo os saberes escolares e os saberes docentes muito pouco valorizados e raramente problematizados ou investigados, tanto pela pesquisa acadêmica educacional como pelos programas de formação dos professores.

O planejamento proporciona ao professor uma linha de raciocínio, que direciona suas ações, sendo que a ação docente vai ganhando eficácia na medida em que o professor vai acumulando e enriquecendo experiências ao lidar com situações concretas de ensino, pois segundo Libanêo (1994, p. 225), “o professor serve, de um lado, dos conhecimentos do processo didático e das metodologias específicas das matérias e, de outro, da sua própria experiência prática”. O docente, a cada nova experiência, vai assim criando sua didática, e com isso, enriquecendo sua prática profissional e, também, ganhando mais segurança, sendo que agindo dessa forma, o professor acaba usando o seu planejamento como fonte de oportunidade de reflexão e avaliação da sua prática. O professor precisa estar preparado, também, para os momentos em que o seu planejamento necessite ser modificado sem que com isso o planejamento perca a sua essência, observando que planejar não significa alienar-se da realidade dando assim autonomia para que o mesmo adapte o seu planejamento a cada realidade de sala de aula. Mas para que isso aconteça realmente, o professor necessita, cada vez mais, compreender que o planejamento é uma prática que procura ajudar e sanar problemas de organização de conteúdos e que ele, por si próprio, não é a solução absoluta de todos os problemas que surgirão quanto a organização metodológica, tendo em vista que o planejamento é somente um passo de uma caminhada longa. Os professores mostram-se descrentes, na metodologia do planejamento.

Segundo Menegolla e Sant’Anna (2001, p. 43), alguns professores não simpatizam com o ato de planejar: parece ser uma evidência que muitos professores não gostem e pouco simpatizem como planejar suas atividades escolares. Os professores desmotivados com a metodologia do planejamento, deve-se acreditar que planejar é apenas atender à burocracia escolar, evidenciando a não utilização do que

se planeja, pois a partir do momento que não acreditamos nos resultados de nossas ações deixamos de praticá-las da forma que ela estão prevista, ou seja, planejamos mas não usamos o planejamento, tendo em vista que não acreditamos no possível sucesso das nossas ações diante do planejamento. Cabe ao professor uma mudança de pensar o planejamento; procurar conhecer melhor as vantagens e desvantagens de uso do planejamento para então, depois, resolver se é ou não viável a utilização dessa metodologia, que encontra-se desacreditada por alguns docentes.

A didática caracteriza-se pela mediação e pelo estudo dos saberes necessários à prática docente, sendo um dos principais instrumentos para a formação do professor. A partir dela, é possível conceber os ensinamentos necessários e pertinentes à prática diária. Segundo essa concepção, a partir da formação continuada, é possível desenvolver um conhecimento profissional que permita instigar o professor a buscar, refletir, questionar e investigar ações que estejam pautadas em práticas cotidianas. Por meio desse aperfeiçoamento contínuo, abrem-se novas possibilidades de discussões, socializações e desenvolvimento de práticas permanentes de pesquisa colaborativa. Com isso, a escola, que pensa a formação como uma prática coletiva em um processo permanente, toma como referência as ações cotidianas integradas, promovendo produções autônomas de saberes e experiências. Libâneo (1994, p. 25) amplia esse conceito:

A Didática é o principal ramo de estudos da pedagogia. Ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos.

Masetto (1997) acrescenta que a didática se refere ao estudo das teorias do ensino e da aprendizagem que são aplicadas no processo educativo escolar, assim como resultados alcançados. Além disso, Libâneo (1994, p. 26) complementa, afirmando que a didática

[...] generaliza processos e procedimentos obtidos na investigação das matérias específicas, das ciências que dão embasamento ao ensino e a aprendizagem das situações concretas da prática docente. [...] é uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vincula aos problemas reais postos pela experiência prática e ação prática orientada teoricamente.

Diante da importância da didática, vale destacar que o seu conceito não refere à transmissão de conteúdos e conhecimentos do professor para o aluno, tampouco está restrito a uma forma única de realizar a aula e o planejamento. Em suma, não significa acumular informações sobre as melhores técnicas e práticas de trabalho para alcançar o processo de ensino e aprendizagem. Pelo contrário, a didática estuda a ação pedagógica e propõe ao professor que ele estenda e amplie o diálogo e a capacidade dos alunos de questionar e fazer reflexões sobre as informações e os conhecimentos adquiridos ao longo do processo de aprendizagem. Dessa forma, ela prepara o docente para criar estratégias de ensino pautadas na reflexão entre teoria e prática.

Nesse sentido, a didática estuda os saberes necessários à prática docente e é um dos principais instrumentos para a formação do professor, visto que, a partir dela, é possível conceber os ensinamentos necessários e pertinentes à prática diária. Mizulami (2013 *apud* GATTI, 2017) destaca que a docência é uma profissão complexa e, assim como as demais, pode ser aprendida. O autor complementa, dizendo que,

para a profissão do magistério, são necessários conhecimentos acerca dos fundamentos da educação e do campo didática, que trata especificamente do ensino.

Libâneo (1994) destaca que a formação profissional é um processo pedagógico, intencional e organizado que abrange duas dimensões: a formação teórico-científica e a formação técnico-prática. Para o autor:

[...] a formação teórico-científica inclui a formação acadêmica específica nas disciplinas que farão com que o docente se especialize; e a formação pedagógica, que envolve os conhecimentos acerca da Filosofia, Sociologia, História da Educação e da própria Pedagogia que contribuem para o esclarecimento do fenômeno educativo no contexto histórico-social (LIBÂNEO, 1994, p. 27).

Já a formação técnico-prática visa à “[...] preparação profissional específica para a docência, incluindo a Didática, as metodologias específicas das matérias, a Psicologia da Educação, a pesquisa educacional e outras” (LIBÂNEO, 1994, p. 27). Gatti (2017) aponta que esses conhecimentos, constituem a base da formação para a docência e para o exercício do magistério, em uma perspectiva interdisciplinar.

Tardif (2012) complementa com algumas questões a respeito dos saberes docentes na formação profissional. O autor destaca que os saberes docentes são plurais, pois perpassam elementos distintos, entre eles os saberes advindos da formação profissional, os saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Outro aspecto citado durante as leituras e análises realizadas é de que as reuniões de equipe favorecem o trabalho coletivo, inclui todos os envolvidos no planejamento e são a mola propulsora para que as pessoas criem vínculos positivos, desenvolvendo senso crítico e aceitando os pontos de vista contrários aos seus. A interação do grupo colabora, também, para o processo de avaliação de todas as ações, que fazem parte de todo o processo.

Dessa forma, planejar é o ato de organizar ações a fim de que estas sejam bem elaboradas e aplicadas com eficiência, se possível, nos momentos relacionados da ação ou com quem se age. Por isso, para planejar bem é necessário conhecer para quem se está planejando, no caso, o professor deve conhecer a turma com que trabalha e mais, o aluno com quem trabalha. Quanto mais se conhece, melhor se planeja e se obtêm melhores resultados.

As teorias influenciam todas as práticas pedagógicas, mesmo que o professor não tenha conhecimento disso ele está trabalhando de acordo com uma teoria seja ela: tradicional ou renovada. Dessa forma, é preciso que o professor tenha conhecimento sobre as mesmas para que não corra o risco de comprometer a qualidade de ensino, transmitindo uma educação alienada, pois toda prática pedagógica é também política. A teoria é muito importante para que o professor desenvolva sua prática pedagógica de maneira efetiva e refletida.

#### **4.1 Saberes disciplinares**

Os saberes da formação profissional são aqueles incorporados pelas instituições de formação, como escolas, ou universidades, tanto no âmbito da formação inicial como da formação contínua. Eles podem ser relacionados com as ciências humanas e da educação, bem como com os saberes pedagógicos da prática docente.

Os saberes disciplinares por sua vez, integram-se à formação contínua dos professores, atendendo aos diversos campos do conhecimento e da sociedade. Esses são os saberes transmitidos em cursos de formação e agregados aos conhecimentos específicos de cada área ou disciplina.

Os saberes curriculares correspondem a metodologias, propósitos, metas, conteúdos e assuntos que os educadores precisam aprender a empregar, cujos propósitos são definir, proporcionar e apresentar saberes sociais da cultura erudita aos seus alunos.

Os saberes experienciais são aqueles específicos de cada educador, de cada prática vivenciada no cotidiano do trabalho com os alunos, com a escola e com os demais parceiros. Esses saberes, como próprio nome diz, advêm das experiências e das práticas, sejam elas individuais ou coletivas, que os professores possuem. Segundo Tardif (2012, p. 48):

[...] os saberes experienciais surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações interioridade com sua própria prática. Neste sentido, os saberes experienciais não são saberes como os demais; são, ao contrário, formadores de todos os demais, mas retraduzidos, polidos e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência.

Partindo-se desse pressuposto, os saberes experienciais facilitam a integração do educador com os demais envolvidos com a educação, pois permitem que o contexto de trabalho e o meio social sejam analisados sob diferentes enfoques, propiciando e estabelecendo novas relações com os atores da instituição, que passam a trabalhar coletivamente, o que reflete sobre a sua prática. Nesse sentido, a formação aparece como uma importante ferramenta para a implementação desses saberes, pois contribui para que o educador possa rever a sua prática, discutir temáticas inerentes à educação e refletir sobre as melhorias para as suas atividades diárias.

Essa reflexão nos leva a entender que os processos educativos são abstrusos e que é difícil compreender os fatores que os definem. Existe uma estrutura que elabora determinantes, dos quais a prática não deve ser apartada. Ela se reflete como rígida e resistente às coordenadas simples. Por isso, a educação é influenciada pelas necessidades que vão surgindo a partir da atuação do docente em sala de aula. Em tempos tão complexos e globalizados não se concebe mais que o professor se limite e se satisfaça com o conhecimento adquirido ao longo de sua formação inicial. Como principal balizador do meio educacional, o professor precisa estar em constante atualização para realizar com maestria a ação de educar. As leis e os documentos que regem a educação enfatizam o papel da escola na vida do aluno. Nesse sentido, a formação do sujeito deve ser integral, com uma educação que o contemple em todos os aspectos, como por exemplo, valorizar o trabalho, a cidadania, a ética e a formação cultural. Esses paradigmas justificam a grande responsabilidade da escola na vida do indivíduo. Com o peso de toda essa carga, serão necessários profissionais.

O trabalho do pedagogo está diretamente ligada à sua eficácia e, conseqüentemente, à importância de seu papel no processo de ensino e aprendizagem. As teorias buscam dar suporte e embasamento aos profissionais nas mais variadas formas de trabalho no âmbito do planejamento, sejam elas individuais, coletivas, democráticas, participativas e estratégicas. A pedagogia moderna enfrenta desafios de sua época, tanto em sala de aula quanto nas equipes pedagógicas, as demandas mudam rapidamente e exigem posturas e métodos diferenciados para que a aprendizagem se efetive, isso é um fato notório nas escolas e na sociedade em geral. As nossas crianças e adolescentes estão em constante busca do diferente, do que

atrai sua atenção e nós, educadores, precisamos repensar nossa forma de se trabalhar, pois, afinal, os alunos são nosso motivo principal de enfoque. Eles precisam aprender. Os professores precisam ensinar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que é necessário um aperfeiçoamento dos processos de aprendizagem, modificando para melhor os conceitos e métodos que serão utilizados em sala de aula, proporcionando assim ao aluno a assimilação adequada do que lhe é ensinado.

Para conseguir que o aluno tenha uma melhor assimilação do conhecimento os professores devem utilizar as teorias conhecidas, com diversos métodos de aplicação. Porém, nem sempre o trabalho realizado com uma turma terá bom resultado. Por este motivo acredita-se que o professor deve ser flexível, ou melhor, disponha de opções praticas diferenciadas para uma emergência que se instala dentro de uma aula planejada. Através deste trabalho diferenciado podemos ter certeza que o processo ensino aprendizagem vai do professor para o aluno e vice e versa, promovendo a aquisições diferenciadas em sala de aula. Não basta apenas a formação em constante aperfeiçoamento se o professor não colocar em prática o que aprende e, mais importante ainda, sem colocar em prática suas experiências com novas ferramentas de auxilio na prática pedagógica. O ato de planejar é orgânico, está presente em nossas vidas em qualquer nível, indo desde o planejamento doméstico até o profissional. Entretanto, para que o planejamento ocorra a contento, torna-se necessário levar em consideração alguns aspectos relevantes, como: conhecimento da realidade daquilo que se deseja planejar; as especificidades do público-alvo; diagnóstico da realidade; definição dos objetivos; métodos, recursos disponíveis e a avaliação do planejamento visto que a prática docente deverá ser realizada através do tripé planejamento-ação-reflexão.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, A. G. E.; SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor, Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. (Coleção Alfabetização e letramento).

DALMÁS, A. **Planejamento Participativo na Escola**. 16. ed. São Paulo: Vozes, 2010.

FÉLIX, M. F. C. **Administração escolar**: um problema educativo ou empresarial. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FIORENTINI, D.; SOUZA JUNIOR, A.; MELO, G. A. Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. *In*. GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. (Orgs). **Cartografias do Trabalho Docente**: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: ALB e Mercado de Letras, 1998, p. 307-335.

GANDIN, D. Posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Intervenção na Realidade. **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 1, p. 81-95, 2001.

GATTI, B. A. Didática e formação de professores: provocações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1150-1164, out./dez., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/h9mXZyNRkNkb5Sy9KrjTrwz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 out. 2022.

GOMES, É. M. F. **A importância do planejamento para o sucesso escolar**. (Artigo) Pós-graduação em Coordenação Pedagógica – Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional-TO: UFT, 2011. Disponível em: <https://xdocz.com.br/doc/edula-corrigido-ultima-versaoo-1-jn67zdqjkor>. Acesso em: 10 out. 2022.

HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática; 2006.

HORTA, J. S. B. Planejamento educacional. In: MENDES, D. T. (coord.). **Filosofia da educação brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. **Avaliação de aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1996.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro**. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.

MENEGOLLA, M. SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar?**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: D. Quixote, 1992.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto políticopedagógico da escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

PINTO, J. B. **Planejamento participativo na escola cidadã**. Palestra proferida no Seminário Nacional Escola Cidadã. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1994.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação**. Campinas-SP: Autores Associados, 1997.

TAKAHASHI, R. T.; FERNANDES, M. F. P. Plano de aula: conceitos e metodologia. **Acta Paul. Enf.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 114-8, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2002. (Cadernos Pedagógicos da Libertad; v. 1).